

ELEMENTOS ESTATÍSTICOS

A PESCA E A INDÚSTRIA DE CONSERVAS DE PEIXE EM PORTUGAL

1 — POSIÇÃO ECONÓMICA DOS SECTORES

A pesca e a indústria de conservas de peixe, duas actividades clássicas na economia e na vida das populações do litoral português, têm hoje uma posição modesta. Assim, em 1965, empregavam-se na pesca 38 700 pescadores, que representavam somente 3,4 p. 100 da população activa do sector primário e 1,4 p. 100 da do continente. Por sua vez, a indústria de conservas, com cerca de 20 000 empregados, oferecia apenas 2 p. 100 dos empregos do sector secundário. Nos últimos anos (1960-1965), a pesca contribuiu, em média, com 1,2 p. 100 para a formação do produto nacional bruto ⁽¹⁾. Naquele ano desembarcaram nos portos do continente 417 074 toneladas de peixes, moluscos e crustáceos, no valor de 1873 contos. Por ordem decrescente figuravam a sardinha (138 000 toneladas), o bacalhau (71 000 toneladas), o chicharro e o carapau (59 000 toneladas), a cavala e a sarda (30 000 toneladas) e a pescada, a marmota e a pescadinha (20 000 toneladas). Representam a produção dos 38 700 pescadores matriculados, dos quais 11 921 trabalhavam em traineiras, 7992 com aparelhos de anzol e 4143 nos barcos de pesca do bacalhau ⁽²⁾. Daquela produção, 58,8 p. 100 destinaram-se ao consumo interno, 36,1 p. 100 à industrialização e 5,1 p. 100 ao mercado externo.

Em 1966, a produção da pesca, bastante inferior à dos dois anos anteriores, desceu aos valores de 1961, 1962 e 1963: 374 005 toneladas, das quais 203 515 de pelágicos (atum, cavala, sardinha, biqueirão, carapau ...), 163 160 de demersais (pescada, pargo, salmonete, linguado, bacalhau ...) e 6599 de moluscos. No mesmo ano exportaram-se 11 872 toneladas de peixes, crustáceos e moluscos, no valor de 119 476 contos, cabendo aos crustáceos e moluscos 7369 toneladas, entre as quais 5799 de ostras vivas. As fábricas de conserva trabalharam cerca de 100 000 toneladas de peixes, moluscos e crustáceos, no valor aproximado de 400 000 contos. A exportação de conservas alcançou 70 945 toneladas, com o valor de 1242 contos, sendo as de sardinha e similares 69 924 to-

⁽¹⁾ *III Plano de Fomento para 1968-1973*, vol. I.

⁽²⁾ *Anuário Estatístico*, 1965, vol. I.

neladas e 1215 contos. As exportações globais de peixe, crustáceos e moluscos, frescos, salgados, congelados e em conserva, figuravam com 8,5 p. 100 do valor das exportações portuguesas do continente, alcançando as conservas 7,3 p. 100 das mesmas e, nestas, as de sardinha 5,1 p. 100 ⁽³⁾.

2 — EVOLUÇÃO DOS VALORES GLOBAIS DA PESCA DESEMBARCADA

A tonelagem da pesca desembarcada no continente tem vindo a aumentar de uma forma quase contínua desde 1952 (fig. 1). Até 1940 mal ultrapassava as 200 000 toneladas, mas, sob a influência indirecta da guerra, a sardinha ocupou um lugar de relevo no valor das pescarias (38 p. 100 em 1937 e 53 p. 100 em 1941), não apenas pelo aumento da produção, mas também pela subida espectacular dos preços (1938: \$60/kg; 1941: 5\$50/kg), que se traduziu numa decuplicação entre 1938 e 1941, e à razão de sete vezes mais durante o ano de 1941. Tal aumento de preço foi o reflexo da intensificação da actividade conserveira, cuja produção, encontrando um mercado infinitamente elástico nos países beligerantes, desencadeou uma brutal concorrência entre os industriais conserveiros para a aquisição da matéria-prima principal e elevou ocasionalmente o preço da sardinha a 10\$00, e até a 12\$00, o quilograma.

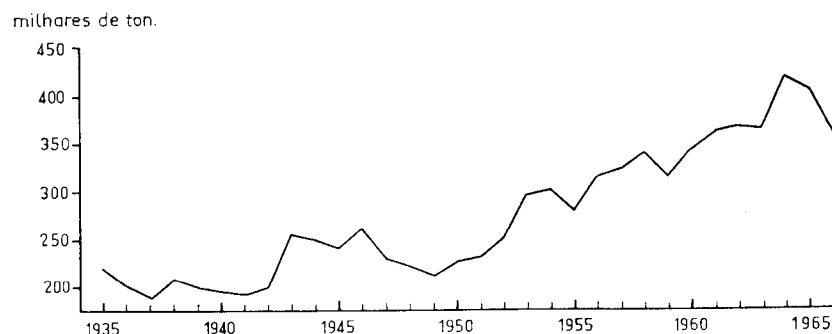


Fig. 1 — Evolução da pesca.

Dificuldades de obtenção de folha-de-flandres, azeite e óleos, bem como de licenças para exportação, de meios de transporte e de pagamento, atenuaram, nos últimos anos de duração do conflito mundial, as exportações e a produção. Como muitos industriais conserveiros eram também empresários da indústria de pesca, donos ou accionistas dos galeões, traineiras e armações, a actividade piscatória intensificou-se, e 1943 marca o primeiro máximo de produção, que alcançou as 250 000 toneladas. De 1946 a 1949 a produção diminuiu, seguindo de perto as dificuldades de exportação. Em 1952 voltou a alcançar as 250 000 to-

⁽³⁾ Comércio Externo, 1966, vol. I.

neladas e, a partir de então, tem aumentado continuamente, mas, como é próprio de uma actividade de simples colheita, verificaram-se oscilações anuais frequentes: em 1966, 1967 e 1968, a produção foi baixa, embora se tenham generalizado certos aperfeiçoamentos técnicos, como a sondagem electracústica, para a localização dos cardumes, e os aladores mecânicos, que tornam mais rápida a manobra das redes e permitem efectuar um número maior de lanços ⁽⁴⁾.

3 — DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO

A forma e a posição de Portugal proporcionam uma costa marítima, sobre as águas bastante ricas em peixe do Atlântico, de cerca de 850 km. Todavia, este litoral rectilíneo e fortemente batido pelos ventos dominantes dos quadrantes NW a SW oferece poucos abrigos. As enseadas de Buarcos, Nazaré, Peniche, Cascais, Sesimbra e Setúbal são protegidas dos ventos do NW pela configuração do litoral e pela vizinhança de terras altas. Nelas, bem como nas fozes de alguns rios, surgiram numerosos portos de pesca, alguns dos quais, não tendo sido beneficiados com molhes de abrigo, entraram em decadência. A costa meridional apenas é batida perigosamente pelos ventos dos quadrantes SW a SE. Por toda ela se desenvolveram vários portos de pesca, quase todos apoiados nas armações de atum e também de sardinha; mas, à medida que estas deixaram de apanhar peixe em quantidades que justificassem, com rentabilidade, a sua exploração, e que outras artes (galeões e, depois da última guerra, as traineiras) se impuseram economicamente, muitos destes portos perderam toda a importância e hoje não são mais do que modestos lugares de velhos pescadores praticando ainda a pesca artesanal, quando o turismo não lhes insuflou novo sopro de vida e de dinamismo. Assim, por todo o litoral português se verificou, no decurso deste século, uma concentração crescente da actividade piscatória nos portos que permitem o acesso a embarcações de certa tonelagem e que dispõem de um plano de água extenso, profundo e abrigado: Matosinhos, Aveiro, Figueira, Peniche, Lisboa, Setúbal, Portimão, Olhão e Vila Real de Santo António. A figura 2 dá-nos, para cada porto, a tonelagem média anual de pesca desembarcada no período de 1961 a 1965. Pela utilização desta média pretendemos eliminar valores acidentais, devidos à irregularidade da produção colhida de uns anos para os outros.

O quadro seguinte permite completar a leitura. Salientam ambos a importância de Matosinhos e Lisboa, seguidos de longe por Peniche, Setúbal, Portimão, Figueira da Foz e Vila Real de Santo António. Para os valores de Aveiro, Lisboa, Viana do Castelo e Figueira da Foz contribui consideravelmente a pesca do bacalhau, uma vez que destes portos saíram para a campanha de 1966-1967 respectivamente 33, 24, 8 e 7 embarcações.

⁽⁴⁾ Estatística das Pescas Marítimas no Continente e Ilhas Adjacentes.

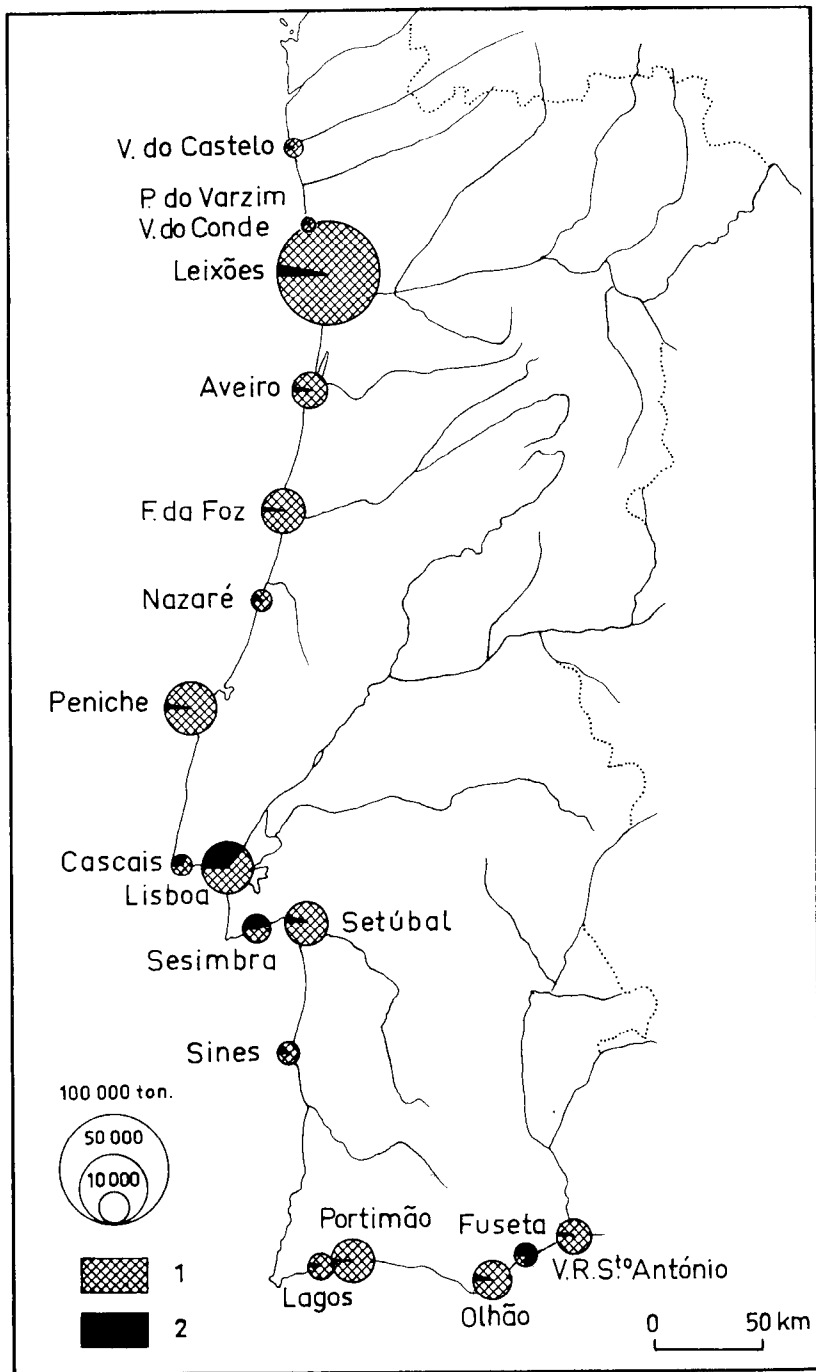


Fig. 2— Valor médio anual da quantidade de peixe desembarcado nos vários portos (1961-1965). 1 — Pelágicos; 2 — demersais.

Valor médio da pesca desembarcada, em toneladas, 1961-1965

Portos	Total		Pelágicos		Demersais		Total	Trainceiras	Vapores de bacalhau	A parcelhos de anzo
	Pelágicos	Demersais	Pelágicos	Demersais						
Caminha	28	4	5	4	792	-	-	-	-	-
Ancora	72	13	33	13	363	68	222	73	73	73
Viana do Castelo	2 908	122	2 522	122	1 123	-	397	726	726	726
Esposende	60	-	3	-	251	-	-	227	227	227
Póvoa de Varzim	1 714	172	1 435	172	912	-	207	557	557	557
Vila do Conde	262	41	152	41	1 296	240	-	441	441	441
Leixões	101 618	3 340	92 470	3 340	4 091	3 448	-	232	232	232
Douro	376	39	127	39	2 687	1 567	131	852	852	852
Aveiro	11 893	192	10 030	192	3 228	669	870	197	197	197
Figueira da Foz	15 869	425	13 693	425	1 400	870	131	112	112	112
Nazaré	3 350	457	2 686	457	1 146	131	-	545	545	545
S. Martinho do Porto	802	322	27	322	82	-	-	-	-	-
Peniche	26 369	536	23 300	536	3 408	1 300	-	1 075	1 075	1 075
Ericeira	274	-	96	-	146	-	-	-	-	-
Cascais	4 338	1 341	1 323	1 341	172	54	-	91	91	91
Lisboa	54 960	20 262	8 178	20 262	2 316	-	1 853	-	-	-
Barreiro	434	3	18	3	218	-	-	-	-	-
Trafaria	450	3	109	3	711	21	-	-	-	-
Sesimbra	7 533	3 436	2 534	3 436	2 160	290	-	1 412	1 412	1 412
Setúbal	19 704	798	15 527	798	2 131	727	3	599	599	599
Sines	3 814	329	2 256	329	970	220	-	450	450	450
Lagos	4 959	43	3 785	43	787	340	-	158	158	158
Portimão	17 735	75	16 021	75	1 686	1 263	-	250	250	250
Albufeira	678	21	366	21	253	-	-	52	52	52
Quarteira	1 339	53	539	53	205	-	-	-	-	-
Faro	938	23	28	23	257	40	-	63	63	63
Olhão	11 723	548	9 995	548	1 026	344	-	517	517	517
Fuseta	3 977	3 091	119	3 091	543	-	169	230	230	230
Tavira	1 307	54	541	54	684	29	7	16	16	16
Vila Real de Santo António	9 062	85	7 680	85	661	300	35	52	52	52

O mesmo quadro dá-nos também a estrutura da população piscatória dos vários portos, por artes de pesca; notemos o paralelismo entre o predomínio de pescadores matriculados nas traineiras e o das espécies pelágicas na produção global da pesca.

4 — INDUSTRIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Do total da pesca desembarcada no continente apenas uma pequena fracção, no geral inferior a 5 p. 100, se destina directamente às exportações. Em 1966 exportaram-se 4030 toneladas de peixe fresco, refrigerado e congelado, no valor de 58 000 contos, tendo sido 1184 toneladas de sardinha, das quais 869 foram enviadas para o Ultramar, principalmente para Angola e Moçambique. No mesmo ano, a Itália importou de Portugal 1166 toneladas de peixe fresco e a Espanha 1076; o Canadá 174 toneladas de peixe refrigerado e a Grécia 208 de cavalas em salmoura. São contudo os crustáceos que predominam: 7368 toneladas, no valor de 57 000 contos, cabendo às ostras vivas 5799 toneladas e 32 000 contos; destas, 5327 toneladas foram destinadas à França e 341 ao Reino Unido ⁽⁵⁾.

Da restante produção, 35 a 40 p. 100 alimentam a indústria de conservas, cujos pólos principais são hoje os mesmos de há 20 anos: Matosinhos, Setúbal, Portimão e Olhão ⁽⁶⁾. Em 1967, a sardinha representava 69 p. 100 do total de peixe trabalhado e o biqueirão 25 p. 100. Notemos que, sendo esta espécie normalmente pescada nas costas atlânticas do Sul de Espanha e de Marrocos por traineiras dos portos do Sotavento algarvio, apenas nos centros conserveiros locais — Olhão e Vila Real de Santo António — têm lugar de destaque: 40 p. 100 e 63 p. 100, respectivamente. Manipulada durante o defeso ou no final da temporada de pesca, garante um maior número de dias de trabalho às operárias, atenuando a crise de emprego e de salários da época morta e permitindo às empresas tirar lucro daqueles que a lei obriga a manter mesmo quando falta por completo a matéria-prima. Em oposição, nos centros industriais do Norte a sardinha representa mais de 3/4 dos totais de peixe consumidos nas fábricas.

Comparando as infra-estruturas fabris, notamos a superioridade de Matosinhos, Setúbal e Portimão, dado o número de empresas com mais de 100 operários; as de Matosinhos e Portimão, mais concentradas, são aparentemente mais estáveis do que as de Setúbal. No conjunto, Olhão parece em situação de inferioridade, com 13 estabelecimentos com menos de 100 operários. Todavia, as seis grandes empresas dão-lhe um lugar semelhante ao de Vila Real de Santo António. Olhão é, aliás, um centro conserveiro ainda dominado pela salga, praticada sempre por empresários que empregam um número pequeno de trabalhadores.

⁽⁵⁾ *Comércio Externo*, 1966, vol. 1.

⁽⁶⁾ *Estatística Industrial*, 1967.

Centros industriais	Peixes, moluscos e crustáceos			Fábricas de conserva em actividade				
	Milhares de contos	Toneladas		Total	0-100 operários	Mais de 100 operários	Pessoal operário	Mulheres operárias
		Total	Sardinha (%)					
Póvoa de Varzim	31,6	8 428	85	8,4	7	7	1 354	1 240
Matosinhos	152,6	41 602	76	20	44	29	5 226	4 560
Peniche	14,4	3 808	85	15	6	4	681	585
Lisboa	7,6	888	-	-	2	-	132	108
Setúbal	52,5	13 871	67	22	26	14	2 714	2 276
Lagos	16,7	3 868	62	36	7	5	787	695
Portimão	57,2	13 631	61	38	22	17	3 361	2 955
Olhão	38,7	11 172	55	40	19	6	2 239	1 925
Vila Real de Santo António	29,9	7 138	29	63	11	6	1 298	1 160
<i>Total</i>	401,2	104 406	69	25	144	88	17 792	15 504

Assim, em 1967, as 155 fábricas de conserva de peixe do continente empregavam quase 18 000 operários, dos quais 87 p. 100 eram mulheres. Na última semana de Dezembro de 1965 trabalharam nestas fábricas 20 351 empregados, que, em conjunto, tinham recebido durante o ano 182 128 contos, o que dá uma média individual anual inferior a 9000\$00. O sector comporta importantes desigualdades na distribuição dos salários e aquele valor médio esconde muitos outros compreendidos entre 5 e 7 contos. O seu equilíbrio económico assenta, por conseguinte, numa mão-de-obra parcamente remunerada, cujas condições de vida são muitas vezes vizinhas da pobreza e até da miséria, agravadas pela desigual distribuição anual e irregularidade dos ganhos. A média das horas de trabalho, em cada semana dos quatro trimestres, do pessoal operário desta indústria foi de 30,5, 34,4, 55,5 e 45,3, respectivamente, o que quer dizer que, enquanto em cada semana de Verão trabalharam um dia como extraordinário, no princípio de cada ano, durante o defeso, trabalhem apenas os que a lei obriga a pagar, ou um pouco mais, no caso do Sotavento algarvio, dado que o ano de 1965 foi abundante de biqueirão; isto elevou a média a 3 ou 4 jornais (1). Este operariado fabricou 83 450 toneladas de conservas, entre as quais 56 160 de sardinha e 23 314 de cavala, carapau e anchovas. No mesmo ano exportaram-se 83 069 toneladas, no valor de 1447 contos, pertencendo à sardinha 61 170 toneladas e 1012 contos. A produção de conservas foi quase toda orientada para o mercado externo. No ano seguinte, em 1966, a situação foi semelhante: exportaram-se 73 736 toneladas, no valor de 1303 contos, tendo sido 2626 de atum, 54 835 de sardinha em azeite ou molhos, 9806 de carapau e 3235 de biqueirão. Os principais países importadores, segundo as espécies (2), estão indicados na página seguinte.

Se excluirmos a Itália, situada à cabeça da lista dos países importadores, mas dominada pelas toneladas de cavala, conservas de menor valor, notamos que o mercado externo de conservas portuguesas é largamente representado por países ricos, de elevado poder de compra — Alemanha, Reino Unido, França, Estados Unidos da América, Suíça —, nos quais a qualidade impõe a produção nacional em condições de concorrência com a de outros países. Deste modo, exceptuando as conservas de atum, que têm hoje um valor insignificante e que são muitas vezes preparadas com atum importado dos Açores, são as de sardinha que pesam na exportação; certas variedades, como a de sardinha sem pele nem espinha e a de biqueirão, verdadeiros artigos de luxo, são procuradas quase só pela Alemanha, Estados Unidos da América, Suíça e França. A produção de atum, como desde há séculos, é dirigida quase toda para o mercado italiano.

Nestas condições, torna-se inevitável a crise das empresas industriais, que devem enfrentar conjuntamente as dificuldades de concorrência de preços do mercado externo e a urgência de aumento dos

(1) *Anuário Estatístico*, 1965.

(2) Consideram-se apenas os países e as tonelagens que, em cada tipo de conservas, parecem importantes, pois 300 toneladas de conservas de atum são mais significativas do que 3000 toneladas de conservas de sardinha, uma vez que as produções globais são muito diferentes.

Toneladas de conservas exportadas

Países	Toneladas de conservas exportadas						
	Total	Atum	Sardinha em azeite ou molhos	Sardinha sem pele nem espinha	Cavala	Carapau	Biqueirão
Itália	12 654	1 870	4 149	—	6 278	—	128
Alemanha	10 610	—	10 226	4 115	—	—	—
Reino Unido	9 262	—	9 005	—	—	—	115
França	7 340	—	5 663	—	—	—	374
Estados Unidos	6 418	356	3 938	2 350	—	—	1 718
Bélgica-Lux.	5 271	—	3 459	459	1 570	—	—
Suíça	2 573	—	1 695	452	—	—	302
Grécia	2 527	—	2 028	—	—	161	—
Áustria	2 157	—	1 954	—	—	—	—
Rep. Congo-Léop.	1 786	—	1 612	—	—	142	—
Holanda	1 271	—	1 215	—	—	—	—
Filipinas	1 074	—	1 062	—	—	—	—
Suécia	1 029	—	—	—	—	—	—

salários, de modo a garantirem aos seus operários um nível económico que, embora os continue a manter no degrau inferior da estrutura social, seja capaz de reter um número suficiente para satisfazer as necessidades de uma produção insusceptível de grandes reduções nos quantitativos de mão-de-obra.

CARMINDA CAVACO